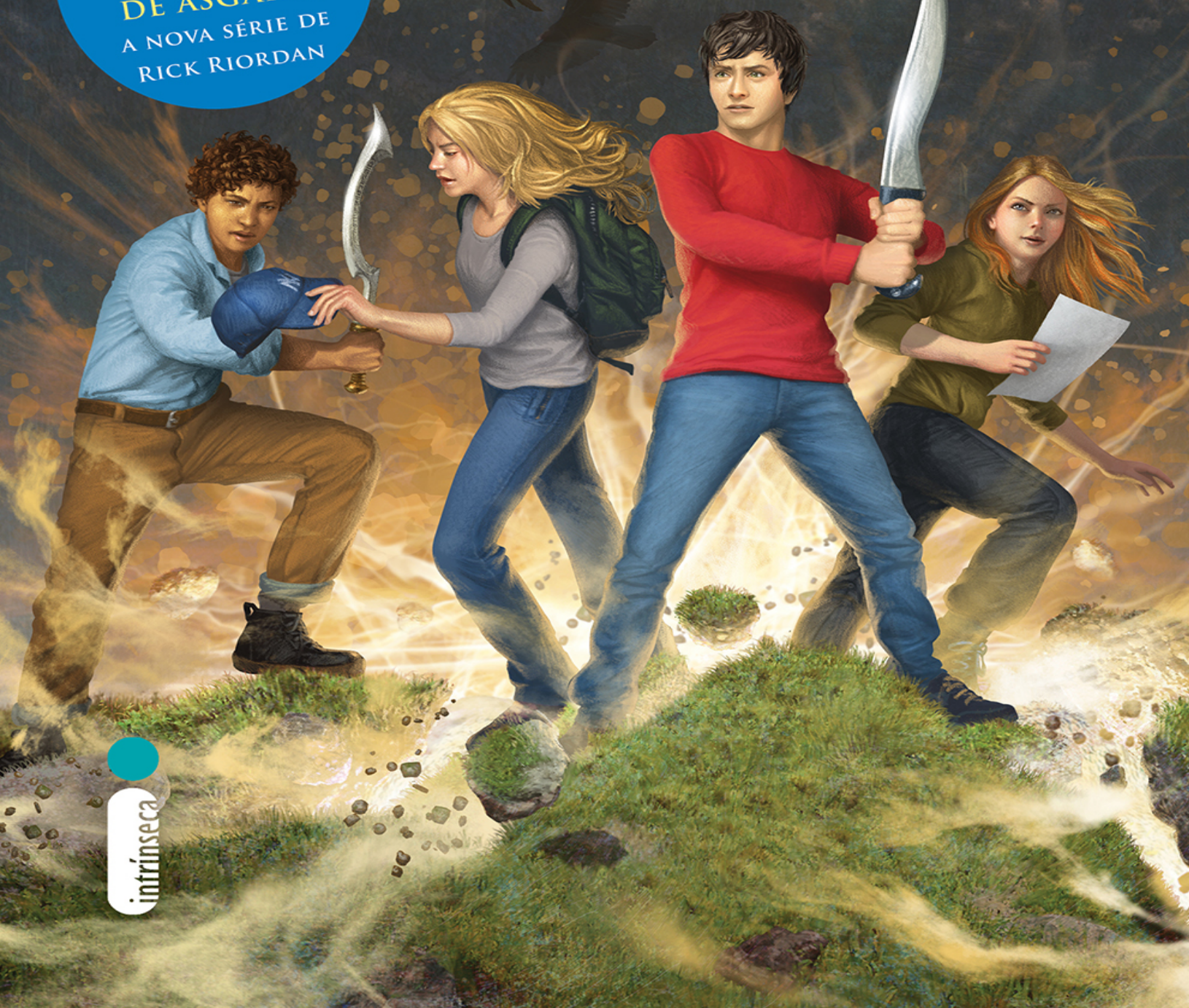


RICK RIORDAN

A COROA DE PTOLOMEU

COM PERCY, ANNABETH, CARTER E SADIE

INCLUI UMA
PRÉVIA DE
MAGNUS CHASE
E OS DEUSES
DE ASGARD,
A NOVA SÉRIE DE
RICK RIORDAN



intrínseca

RICK RIORDAN

A COROA DE PTOLOMEU

UMA AVENTURA DE ANNABETH CHASE, SADIE KANE, PERCY JACKSON E CARTER KANE

TRADUÇÃO DE REGIANE WINARSKI



Copyright do texto © Rick Riordan, 2015

Arte dos hieróglifos: Michelle Gengaro-Kokmen

Reproduzidos com permissão da Disney Hyperion Books. Todos os direitos reservados.

Assegurados os direitos morais do autor e do ilustrador.

Edição em português negociada por intermédio da Nancy Galt Literary Agency e da Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

TÍTULO ORIGINAL

The Crown of Ptolemy

REVISÃO

Milena Vargas

REVISÃO DE EPUB

Isis Batista

ARTE DE CAPA

© Antonio Javier Caparo

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-754-9

Edição digital: 2015

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



— Carter! — gritei.

Nada aconteceu.

Ao meu lado, recostada no muro do antigo forte, Annabeth espiou a chuva, esperando que adolescentes mágicos caíssem do céu.

— Está fazendo isso direito? — perguntou ela.

— Ih, sei lá. Tenho quase certeza de que o nome dele se pronuncia *Carter*.

— Experimenta bater no hieróglifo várias vezes.

— Isso é ridículo.

— Experimenta.

Olhei para minha mão. Não havia nem sinal do hieróglifo que Carter Kane tinha desenhado em minha pele quase dois meses antes. Ele me garantira que a magia do símbolo não sairia com a água, mas, sortudo como eu sou, devo ter feito alguma besteira ao passar a mão na calça ou algo assim.

Bati na palma da mão.

— Carter? Alô, Carter? Percy para Carter. Chamando Carter Kane. Testando, um, dois, três. Essa coisa está ligada?

Nada ainda.

Normalmente, eu não entraria em pânico se a cavalaria não aparecesse. Annabeth e eu já passamos por poucas e boas sem ajuda alguma. Só que normalmente não ficamos presos em Governors Island no meio de um furacão, cercados por cobras assassinas que cospem fogo.

(Quer dizer, eu *já* me vi cercado por cobras assassinas que cospem fogo, mas aquelas não tinham asas. Tudo fica pior com asas.)

— Muito bem. — Annabeth enxugou os olhos molhados de chuva, mas não adiantou nada, pois estava caindo uma tempestade. — Sadie não atendeu o telefone. O hieróglifo do Carter não está funcionando. Acho que vamos ter que resolver isso sozinhos.

— Claro — falei. — Mas o que vamos fazer?

Espreitei na esquina, atrás da quina do muro. Ao final de uma comprida passagem em arco, um gramado ocupava cerca de cem metros quadrados de um pátio interno, cercado por construções de tijolinhos vermelhos. Annabeth tinha me dito que aquele lugar era um forte ou algo parecido da Guerra de Independência americana, mas eu não tinha prestado atenção aos detalhes. Nosso maior problema era o cara de pé no meio do gramado fazendo um ritual mágico.

Ele parecia um Elvis Presley nanico, desfilando de lá pra cá em uma calça jeans skinny preta, uma camisa azul-clara e uma jaqueta de couro preta. Seu topete oleoso parecia intocado pela chuva e pelo vento.

O cara segurava um pergaminho velho que parecia um mapa do tesouro. Enquanto andava de um lado para outro, ele lia em voz alta, de vez em quando jogando a cabeça para trás e rindo. Basicamente, o sujeito estava em modo louco força total.

Como se isso não fosse assustador o bastante, seis serpentes aladas voavam ao redor dele, cuspidando chamas no meio da chuva.

Um relâmpago brilhou no céu. O ruído do trovão fez tremer meus molares.

Annabeth me puxou de volta.

— Esse aí só pode ser o Setne — disse ela. — O pergaminho que ele está lendo é do *Livro de Tot*. Seja lá qual for o feitiço que está lançando, temos que impedi-lo.

A essa altura, eu deveria voltar e explicar o que estava acontecendo.

Só tinha um problema: eu não fazia ideia do que estava acontecendo.

Alguns meses atrás, eu enfrentei um crocodilo gigante em Long Island. Um garoto chamado Carter Kane apareceu se dizendo mago e me ajudou, explodindo coisas com hieróglifos e se transformando em um guerreiro gigante que brilhava e tinha cabeça de galinha. Juntos, derrotamos o crocodilo, que, segundo Carter, era o filho de Sobek, o deus crocodilo egípcio. Carter avaliou a situação e concluiu que estava acontecendo alguma coisa estranha, híbrida de egípcia e grega. (Uau, eu nunca teria adivinhado.) O garoto desenhou um hieróglifo mágico na palma da minha mão e disse que era só eu chamar o nome dele se algum dia precisasse de ajuda.

Agora pulemos para o mês passado: Annabeth encontrou por acaso a irmã de Carter, Sadie Kane, no trem para Rockaway. As duas lutaram contra um sujeito divino chamado Serápis, que tinha um cajado com três cabeças e usava uma tigela de cereal como chapéu. Encerrada a luta, Sadie contou a Annabeth que talvez um mago muito antigo chamado Setne estivesse por trás de todas aquelas coisas estranhas. Pelo que entendi, esse tal de Setne tinha voltado dos mortos, arranjado um manual de feitiçaria ultrapoderoso chamado *Livro de Tot* e estava mexendo com as magias egípcia e grega na esperança de encontrar um jeito de se tornar um deus. Sadie e Annabeth trocaram números de celular e combinaram de manter contato.

Hoje, quatro semanas depois, Annabeth apareceu no meu apartamento às dez da manhã dizendo que havia tido um sonho ruim: uma visão de sua mãe.

(A propósito: a mãe dela é Atena, a deusa da sabedoria. Meu pai é Poseidon. Somos semideuses gregos. Achei que era bom mencionar isso, tipo, só para refrescar a memória.)

Annabeth decidiu que, em vez de ir ao cinema, seria bacana passarmos o sábado nos arrastando até a ponta de Manhattan e pegando a barca para Governors Island, onde, segundo Atena, estavam surgindo problemas.

Assim que chegamos, um furacão bizarro varreu o porto de Nova York. Todos os mortais foram evacuados de Governors Island, deixando Annabeth e eu presos em um velho forte com o Elvis Maluco e as Cobras Mortais Voadoras.

Faz sentido para você?

Nem para mim.

— Seu boné de invisibilidade — falei. — Voltou a funcionar, não foi? Que tal eu distrair Setne enquanto você se aproxima por trás? Aí você arranca o livro das mãos dele.

Annabeth franziu o cenho. Mesmo com o cabelo louro encharcado e colado no rosto ela ficava bonita. Seus olhos eram da mesma cor das nuvens da tempestade.

— Pelo que dizem, Setne é o maior mago do mundo. Talvez ele veja através do véu de invisibilidade — argumentou ela. — Além do mais, se você for até lá, é capaz de ele fritar você com um feitiço. Pode acreditar, você não vai querer ser frito com magia egípcia.

— Eu sei. Carter me acertou com um punho azul brilhante uma vez. Mas, a não ser que você tenha alguma ideia melhor...

Infelizmente, ela não tinha. Annabeth pegou da mochila o boné dos New York Yankees.

— Você me dá um minuto de vantagem? Tente derrubar aquelas cobras voadoras primeiro. Devem ser alvos mais fáceis.

— Pode deixar. — Ergui minha caneta esferográfica. Tudo bem, não é algo que impressione como arma, mas ela vira uma espada mágica quando tiro a tampa. É sério. — Uma lâmina de bronze celestial consegue matar essas cobras?

Annabeth franziu o cenho novamente.

— Deveria. Pelo menos... minha adaga de bronze funcionou contra o cajado de Serápis. Se bem que aquela adaga era feita de uma varinha egípcia, então...

— Estou ficando com dor de cabeça. Normalmente, quando tenho dor de cabeça, é hora de parar de falar e atacar algum monstro.

— Tudo bem. Mas não esqueça: nosso objetivo principal é pegar aquele pergaminho. Pelo que Sadie me disse, Setne pode usá-lo para se tornar imortal.

— Entendido. Nada de caras maus virando imortais sob a minha vigilância.

Então eu a beijei, porque 1) quando você é um semideus indo para a batalha, cada beijo pode ser seu último e 2) eu gosto de beijar Annabeth.

— Tome cuidado — disse ela.

Então colocou o boné dos Yankees e desapareceu.

Eu adoraria dizer que me aproximei do cara e matei as cobras, que Annabeth esfaqueou Elvis nas costas e pegou o pergaminho e que nós dois fomos para casa felizes.

Bem que *pelo menos uma vez* as coisas poderiam acontecer do jeito que planejamos.

Mas nããããã.

Dei alguns segundos para Annabeth chegar ao pátio de fininho.

Em seguida, abri a caneta, e Contracorrente surgiu em seu comprimento total: quase um metro de bronze celestial afiadíssimo. Avancei até o pátio e cortei em pleno ar a primeira serpente que encontrei.

Se você quer mandar um *Oi, colega!* marcante para um sujeito, nada melhor que matar o réptil voador dele.

Ao contrário da maioria dos monstros que já enfrentei, a cobra não se desintegrou. As duas metades simplesmente caíram na grama molhada, a metade com asas se sacudindo de um lado para outro, perdida.

O Elvis Maluco nem reparou no que tinha acontecido. Continuou andando de um lado para outro, absorto no pergaminho, então segui em frente e mandei ver em uma segunda cobra.

Estava difícil enxergar, por causa da tempestade. Em geral eu consigo continuar seco quando estou dentro d'água, mas na chuva é mais complicado. Os pingos alfinetavam minha pele e entravam nos meus olhos.

Relampejou. Quando minha visão clareou, duas cobras mergulhavam sobre mim, cada uma vindo de um lado. Dei um pulo para trás bem a tempo de escapar dos cuspes de fogo.

Caso vocês não saibam, é difícil pular para trás com uma espada na mão. E é ainda mais difícil quando o chão está coberto de lama.

Resumindo: escorreguei e caí de bunda.

Jatos de chamas cortaram o ar acima da minha cabeça, mas depois as duas cobras ficaram voando em círculos sobre mim como se estivessem surpresas demais para atacar novamente. Deviam estar se perguntando: *Esse cara caiu de bunda de propósito? Devemos rir antes de matá-lo? Seria muito cruel?*

Antes que elas decidissem o que fazer, o Elvis Maluco gritou:

— Deixem-no!

Na mesma hora as cobras foram se juntar às irmãs, que orbitavam três metros acima do mago.

Eu queria me levantar e encarar Setne, mas minha bunda tinha outros planos: ficar onde estava, sofrendo uma dor absurda. As bundas são assim às vezes. São umas... bundonas.

Setne enrolou o pergaminho e foi andando na minha direção, a chuva se abrindo a sua passagem como uma cortina de contas. As cobras aladas o seguiram, produzindo nuvens de vapor em meio à tempestade com seus cuspes de fogo.

— Olá! — disse Setne, de um jeito tão casual e simpático que eu logo vi que estava encrocado. — Você é um semideus, imagino.

Como ele sabia? Talvez sentisse o “cheiro” da aura de um semideus, da mesma forma que os monstros gregos. Ou talvez meus amigos brincalhões, os irmãos Stoll, tivessem escrito **SOU UM SEMIDEUS** na minha testa com caneta permanente, e Annabeth tivesse decidido não me contar. Isso acontecia de vez em quando.

O sorriso de Setne fazia seu rosto parecer ainda mais sombrio. Os olhos, com delineador preto, compunham uma expressão faminta e bestial. Um cordão de ouro com dois *ankhs* entrelaçados cintilava no pescoço, e da orelha esquerda pendia um ornamento que parecia uma falange humana.

— Você deve ser Setne. — Consegui me levantar sem morrer. — Comprou essa roupa para a festa de Halloween?

Setne deu uma risadinha.

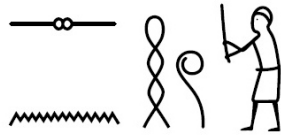
— Olha, não é nada pessoal, mas estou meio ocupado no momento. Vou pedir que você e sua namorada esperem até eu terminar meu feitiço, tudo bem? Depois que eu tiver conjurado a *desbret*, podemos bater um papo.

Tentei parecer confuso, uma das minhas expressões mais convincentes.

— Que namorada? Eu estou sozinho. Além do mais, por que você vai conjurar um deserto?

— É *desbret*. — Setne ajeitou o topete. — A coroa vermelha do Baixo Egito. Quanto à sua namorada... — Ele se virou e apontou para trás, gritando algo parecido com: — *Sun-AH!*

Hieróglifos vermelhos surgiram no ar, como se ardessem em fogo, no local que Setne apontou.



Annabeth ficou visível. Eu nunca a tinha de fato visto com o boné dos Yankees, já que ela desaparecia a cada vez que o colocava, mas ali estava ela: os olhos arregalados de surpresa, pega na tentativa de se aproximar de Setne sem ser notada.

Antes que ela pudesse reagir, os hieróglifos vermelhos incandescentes se tornaram fios grossos, que cortaram o ar e enlaçaram Annabeth, prendendo seus braços e pernas com tanta força que ela se desequilibrou e caiu.

— Ei! — gritei. — Solte minha namorada!

O mago abriu um sorriso presunçoso.

— Magia de invisibilidade? *Por favor*. Eu uso feitiços desse tipo desde que as pirâmides ainda estavam na garantia. Como falei, não é nada pessoal, semideuses, só não posso desperdiçar energia matando vocês... pelo menos não enquanto não terminar a conjuração. Espero que entendam.

Meu coração disparou. Eu já tinha presenciado magia egípcia, quando Carter me ajudara a enfrentar o crocodilo gigante em Long Island, mas não fazia ideia de como impedi-la e não conseguia suportar ver aquele mago a usando contra Annabeth.

Parti para cima dele, mas Setne apenas fez um gesto com a mão e murmurou:

— *Hu-Ai*.

Mais hieróglifos idiotas surgiram na minha frente.



Caí de cara no chão.

Minha cara não curtiu muito. Fiquei com lama nas narinas e sangue na boca, porque morde a língua. Quando pisquei, os hieróglifos vermelhos arderam por dentro das minhas pálpebras.

— *O que foi* esse feitiço? — falei, com um gemido.

— *Cair* — respondeu Setne. — Um dos meus preferidos. É sério, não se levante. Só vai se machucar mais.

— Setne! — gritou Annabeth, debaixo da tempestade. — Preste atenção: você *não pode* se transformar em um deus. Não vai dar certo. Você só vai destruir...

As cordas mágicas se expandiram, cobrindo a boca de Annabeth.

— Agradeço a preocupação — disse o mago. — De verdade. Mas tenho tudo sob controle. Aquela história com Serápis... quando você destruiu meu deus híbrido, lembra? Aprendi bastante com aquilo. Fiz anotações muito úteis.

Annabeth tentava se soltar, mas era em vão.

Eu queria correr até ela, mas tinha o pressentimento de que acabaria com a cara na lama de novo. Dessa vez precisaria usar a inteligência... o que não é muito meu estilo.

Tentei estabilizar a respiração. E me virei de lado, só para ver se conseguia.

— Então você estava na praia Rockaway, vendo tudo? — perguntei a Setne. — Quando Annabeth e Sadie acabaram com Serápis... foi tudo parte de um plano seu?

— É claro! — Setne parecia muito satisfeito consigo mesmo. — Eu anotei os feitiços que Serápis usou quando tentou erguer o novo farol de Alexandria. Depois, foi só compará-los com a magia mais antiga que consta no *Livro de Tot* e *voilà!* Encontrei a combinação exata de feitiços para me transformar em deus. Vai ser incrível. Observe e aprenda!

Setne abriu o pergaminho e voltou a entoar os dizeres. As serpentes aladas subiam em espirais na chuva. Um relâmpago brilhou. O chão tremeu.

À esquerda de Setne e a uns quatro metros de mim, o chão gramado se abriu e um gêiser de chamas jorrou para o alto. Na mesma hora as serpentes voaram até lá, unindo-se a terra, fogo e chuva, tudo girando em um tornado, se mesclando e se solidificando até formar uma enorme naja com cabeça de mulher, toda enroscada.

Seu gorro reptiliano devia ter facilmente dois metros de largura. Seus olhos brilhavam como rubis. Uma língua bifurcada se remexia entre seus lábios, e seu cabelo preto era trançado com ouro. Sobre a cabeça dela repousava uma espécie de coroa: algo como um chapéu em miniatura, vermelho e com um ornamento de arabesco na frente.

Olha, para ser sincero, não sou muito fã de cobras gigantescas, muito menos se elas têm cabeça humana e usam um chapéu idiota. Se eu tivesse conjurado aquela coisa, faria um feitiço para mandá-la de volta para o lugar de onde veio, e rápido.

Mas Setne só enrolou o pergaminho, guardou-o no bolso da jaqueta e sorriu.

— Maravilha!

A mulher-cobra sibilou:

— Quem ousa me invocar? Sou Wadjet, rainha das najas, protetora do Baixo Egito, eterna padroeira de...

— Eu sei! — Setne bateu palmas. — Sou um grande fã seu!

Fui rastejando na direção de Annabeth. Não que eu fosse de grande ajuda naquele momento, com o feitiço *cair* me impedindo de levantar, mas queria estar perto dela se aquela naja rainha de sei lá o quê fizesse alguma coisa. Talvez eu conseguisse ao menos usar Contracorrente para cortar aquelas cordas vermelhas, dando a Annabeth a chance de lutar.

— Ah, isso é demais — continuou Setne, e pegou alguma coisa do bolso da calça. Um celular.

A deusa mostrou as presas e lançou sobre Setne uma fumaça verde (veneno, eu acho), mas ele repelia a nuvem tóxica como a ogiva de um foguete espacial repele o calor.

Continuei rastejando na direção de Annabeth, que ainda lutava inutilmente para se soltar do casulo de cordas vermelhas. A frustração ardia

nos olhos dela. Annabeth odeia ser deixada de lado, mais do que praticamente qualquer coisa.

— Muito bem, onde eu clico para usar a câmera? — perguntou Setne, mexendo desajeitadamente no celular. — Temos que tirar uma foto juntos antes que eu destrua você.

— Antes que você *me destrua*?

A deusa naja se lançou para cima de Setne, mas foi jogada para trás por uma rajada de chuva e vento.

Eu estava a três metros de Annabeth. A lâmina de Contracorrente brilhou quando a arrastei pela lama.

— Vamos ver. — Setne deu tapinhas no celular. — Desculpa, essas coisas são novidade para mim. Sou da Décima Nona Dinastia. Opa, já sei. Não. Droga. Onde foi parar a tela? Ah! Aqui! Como é mesmo que o pessoal moderno chama isso? *Shelfy*? — Ele inclinou o corpo para se aproximar da deusa naja, esticou o braço com o celular e tirou uma foto. — Pronto!

— O QUE SIGNIFICA ISSO? — rugiu Wadjet. — COMO OUSA TIRAR UMA *SELFIE* COM A DEUSA NAJA?

— Isso! *Selfie*! — exclamou o mago. — Obrigado. Agora vou pegar sua coroa e consumir sua essência. Espero que não se importe.

— O QUÊ?

A deusa naja recuou e mostrou as presas de novo, mas a chuva e o vento a prenderam como um cinto de segurança. Setne gritou alguma coisa em uma mistura de egípcio e grego arcaicos. Algumas das palavras gregas que entendi: *alma* e *ligação* e talvez *manteiga* (mas posso ter me enganado quanto a esta última). A deusa naja começou a se contorcer.

Alcansei Annabeth bem na hora em que Setne terminou de declamar o feitiço.

Então a deusa naja implodiu, e o barulho que se ouviu foi como o maior canudo do mundo terminando de tomar o maior milk-shake do mundo. Wadjet foi sugada para dentro da própria coroa vermelha, junto com as quatro serpentes aladas de Setne e o círculo de um metro e meio do gramado, onde a deusa tinha estado enroscada.

Por fim, a coroa caiu na cratera fumegante e coberta de lama.

Setne riu com prazer.

— PERFEITO!

Se, por *perfeito*, o sujeito queria dizer *tão horrível que me dá vontade de vomitar e ai meu Deus preciso tirar Annabeth daqui agora mesmo*, eu concordava com ele.

Setne desceu na cratera para pegar a coroa. Aproveitei a chance para começar a cortar desesperadamente as cordas que prendiam Annabeth. Eu tinha acabado de livrá-la da mordança quando as cordas emitiram um som parecido com o de uma buzina.

Meus ouvidos doeram. Minha visão ficou turva.

Quando o som parou e a vertigem passou, Setne estava de pé ao nosso lado, agora com a coroa vermelha encaixada no topete.

— As cordas gritam quando são cortadas — avisou ele. — Acho que eu devia ter mencionado isso.

Annabeth se contorcia, tentando soltar as mãos.

— O que... o que você fez com a deusa naja?

— Hã? Ah. — Setne deu um tapinha no arabesco que decorava a coroa. — Eu devorei a essência dela. Agora tenho o poder do Baixo Egito.

— Você... você devorou uma deusa! — exclamei.

— Pois é! — Ele tirou da jaqueta o *Livro de Tot* e o balançou diante dos nossos olhos. — É incrível a riqueza de informações que tem aqui. Ptolomeu I teve a ideia certa, fazer de si mesmo um deus, mas, quando ele se tornou rei de Alexandria, a magia egípcia estava diluída e fraca. Ptolomeu certamente não teve acesso a um material de primeira como o *Livro de Tot*. Com esta belezinha aqui, estou com tudo! E agora que a coroa do Baixo Egito é minha, eu vou...

— Deixe-me adivinhar: vai atrás da coroa do Alto Egito — disse Annabeth. — Depois vai juntar as duas e governar o mundo.

Ele sorriu.

— Garota esperta. Mas primeiro tenho que destruir vocês dois. Nada pessoal. É só que eu descobri que um pouco de sangue de semideus é um

ótimo catalisador para magia híbrida greco-egípcia. Agora, se vocês puderem ficar bem paradinhos...

Foi quando eu avancei de um pulo, a espada em riste.

Por incrível que pareça, Contracorrente se cravou bem na barriga dele.

É tão raro as coisas darem certo para mim que só fiquei agachado ali, perplexo, segurando a espada com a mão tremendo.

— Uau. — Setne olhou para o sangue em sua camisa azul-clara. — Mandou bem.

— Obrigado. — Tentei puxar Contracorrente de volta, mas tinha ficado presa. — Então... já pode morrer agora, se não se importa.

Setne sorriu como quem pede desculpas.

— Acontece que... agora estou além do alcance da morte. Com este instrumento... — Ele tocou a lâmina. — Sinto dizer que o máximo que você pode fazer é me deixar mais forte!

A coroa vermelha começou a brilhar.

Então, por um milagre, meus instintos salvaram minha vida. Apesar do feitiço que Setne jogara em mim, consegui me levantar, alcançar Annabeth e me jogar junto com ela para o mais longe possível daquele mago.

Aterrissei no chão junto à passagem em arco no momento em que um rugido terrível fez o pátio tremer. Árvores foram arrancadas do solo; janelas se estilhaçaram; tijolos despencaram das paredes e tudo ao redor foi sendo puxado na direção de Setne, como se ele tivesse virado o novo centro de gravidade. Até as cordas mágicas que prendiam Annabeth foram arrancadas. Reunindo todas as minhas forças, eu a segurei com um dos braços enquanto me agarrava a uma coluna com o outro.

Nuvens de destroços giravam ao redor do mago. Madeira, pedra e vidro se vaporizavam à medida que eram absorvidos pelo corpo de Setne.

Quando a gravidade voltou ao normal, percebi que tinha deixado para trás uma coisa importante.

Contracorrente tinha sumido. O ferimento na barriga de Setne se fechara.

— Ei! — falei, me levantando com as pernas trêmulas. — Você comeu minha espada!

Minha voz soou aguda, como a de um garotinho de quem roubaram o dinheiro do lanche. A questão é que Contracorrente era meu bem mais importante. Estava comigo havia muito tempo. E me acompanhara em muitas enrascadas.

Eu já a perdera algumas vezes, mas ela sempre reaparecia em meu bolso, na forma de caneta. Dessa vez, tinha a sensação de que isso não aconteceria. Contracorrente havia sido *consumida*: sugada para dentro do corpo de Setne, junto com os tijolos, os estilhaços de vidro e vários centímetros cúbicos de terra.

— Lamento por isso — disse Setne, erguendo as mãos com as palmas para cima. — Sou uma divindade em crescimento. Preciso me nutrir... — Ele inclinou a cabeça como se estivesse prestando atenção a alguma coisa em meio à tempestade. — *Percy Jackson*. Interessante. E sua amiga é Annabeth Chase. Vocês viveram aventuras interessantes. Serão um excelente alimento!

Annabeth se levantou com dificuldade.

— Como sabe nossos nomes?

— Ah, devorar o bem mais precioso de alguém é uma boa forma de saber informações sobre seu dono. — Setne deu tapinhas na barriga. — Agora, se não se importam, preciso mesmo consumir vocês. Mas não se preocupem! A essência dos dois vai viver para sempre bem aqui... ao lado do meu... hã... pâncreas, eu acho.

Lentamente, segurei a mão de Annabeth. Depois de tudo pelo que havíamos passado, eu não permitiria que tivéssemos aquele fim: devorados por um Elvis aspirante a deus com um chapéu ridículo.

Considereei minhas opções: ataque direto ou retirada estratégica. Minha vontade era dar um soco nos olhos excessivamente pintados de Setne, mas, se conseguisse chegar à beira do cais com Annabeth, poderíamos pular na água. Sendo filho de Poseidon, eu estaria em vantagem no mar. Poderíamos nos reorganizar, talvez até voltar com mais algumas dúzias de amigos semideuses e artilharia pesada.

Antes que eu pudesse decidir, uma coisa completamente aleatória gerou uma reviravolta na situação.

Um camelo caiu do céu e esmagou Setne.

— Sadie! — gritou Annabeth.

Por uma fração de segundo, achei que ela estivesse chamando o camelo de *Sadie*, mas então percebi que ela olhava para o alto, onde dois falcões voavam em espiral acima do pátio.

O camelo berrou e peidou, o que me fez gostar mais ainda dele.

Infelizmente, porém, não tivemos tempo de ficarmos amigos. O camelo arregalou os olhos, soltou um gemido de susto e se desfez em areia.

Setne se levantou do monte de areia e terra, a coroa torta na cabeça, a jaqueta preta coberta de pelo de camelo, mas não parecia ferido.

— Isso foi deselegante. — Então olhou para os dois falcões, que desciam velozes na direção dele. — Não tenho tempo para essa bobagem.

E, bem na hora em que os pássaros iam arrancar a cara dele, Setne desapareceu em um redemoinho de chuva.

* * *

Os falcões pousaram e se transformaram em dois adolescentes humanos. À direita estava meu amigo Carter Kane, exibindo um visual despojado em sua calça larga de linho bege. Segurava uma varinha curva de marfim em uma das mãos e, na outra, uma espada com lâmina em forma de gancho. À esquerda, vi uma garota loura pouco mais nova que Carter — devia ser a irmã dele, Sadie. Ela usava uma calça também larga e de linho, só que preta, além de coturnos enlameados; tinha mechas laranja no cabelo e segurava um cajado de madeira branca.

Fisicamente, os dois não eram nada parecidos. Carter tinha a pele mais acobreada, o cabelo preto e cacheado. Sua expressão pensativa irradiava seriedade. Sadie, em contraste, tinha a pele bem clara, olhos azuis e um sorrisinho tão travesso que, se eu a conhecesse no Acampamento Meio-Sangue, acharia que é filha de Hermes.

Pensando bem, quem sou eu para falar sobre a falta de semelhança entre os Kane? Meus irmãos são ciclopes e tritões de duas caudas.

Annabeth soltou um suspiro de alívio e deu um grande abraço em Sadie, exclamando:

— Estou *tão* feliz de ver vocês!

Carter e eu nos entreolhamos.

— E aí, cara — falei. — Não vou abraçar você, não.

— Tudo bem — concordou Carter. — Desculpem pelo atraso. Essa tempestade atrapalhou nossa magia de localização.

Fiz que sim, como se soubesse o que era *magia de localização*.

— Mas então... — falei — esse amigo de vocês, Setne... ele é, tipo, um porco imundo.

Sadie deu uma risada de deboche.

— Vocês não fazem *ideia*. Por acaso ele fez aquele monólogo de vilão, que é sempre útil? Revelou os planos malignos, disse para onde iria, esse tipo de coisa?

— Ah, ele usou um pergaminho, o *Livro de Tot* — respondi. — Conjurou uma deusa naja, devorou a essência dela e roubou o chapéu vermelho da coitada.

— Droga. — Sadie olhou para Carter. — Agora ele vai atrás da coroa do Alto Egito.

— É — confirmou Carter. — E, se ele conseguir juntar as duas...

— Vai se tornar imortal — completou Annabeth. — Um deus novinho em folha. Aí ele vai começar a sugar do mundo todas as magias gregas e egípcias.

— Sem contar que ele roubou minha espada — acrescentei. — Quero ela de volta.

Os três ficaram olhando para mim.

— Que foi? Eu gosto da minha espada.

Carter prendeu no cinto o *khopesh* de lâmina curva e a varinha.

— Contem tudo que aconteceu. Com detalhes.

Enquanto falávamos, Sadie murmurou uma espécie de feitiço, fazendo a chuva se curvar ao nosso redor como se estivéssemos debaixo de um enorme guarda-chuva invisível. Maneiro.

Annabeth tem uma memória melhor, então foi ela quem contou quase toda a nossa luta com Setne... embora chamar de *luta* fosse generosidade.

Quando ela terminou, Carter se ajoelhou e desenhou alguns hieróglifos na lama.

— Se Setne pegar a *hedjet*, é o nosso fim — disse ele. — Ele vai formar a coroa de Ptolomeu e...

— Espere — falei. — Tenho baixa tolerância para nomes confusos. Será que você pode explicar o que está acontecendo usando, tipo, palavras comuns?

Carter franziu a testa.

— O *pschent* é a coroa dupla do Egito, certo? A metade de baixo é a coroa vermelha, a *desbret*. Representa o Baixo Egito. A metade de cima é a *hedjet*, a coroa branca do Alto Egito.

— Quem usa as duas juntas — acrescentou Annabeth — se torna o faraó de todo o Egito.

— Só que, neste caso — disse Sadie —, nosso amigo feioso, Setne, está criando um *pschent* muito especial: a coroa de Ptolomeu.

— Hum... — Eu ainda não tinha entendido, mas achei que deveria ao menos fingir que estava acompanhando. — Mas esse Ptolomeu não era grego?

— Era — respondeu Carter. — Alexandre, o Grande, conquistou o Egito. E morreu. Aí o general dele, Ptolomeu, assumiu e tentou fundir as religiões grega e egípcia. Ele se proclamou um rei-deus, como os antigos faraós, mas não parou por aí. Ptolomeu usou uma combinação de magias grega e egípcia para tentar se tornar imortal. Não funcionou, mas...

— Setne aperfeiçoou a fórmula — adivinhei. — Aquele *Livro de Tot* dá a ele magia de primeira.

Sadie bateu palmas para minha dedução.

— Acho que agora você entendeu. Setne vai recriar a coroa de Ptolomeu, mas desta vez do jeito certo, e vai se tornar um deus.

— E isso é ruim — falei.

Annabeth ficou mexendo distraidamente na orelha enquanto pensava sobre o assunto.

— Então... quem era a deusa naja?

— Wadjet — disse Carter. — A guardiã da coroa vermelha.

— E existe um guardião da coroa branca? — perguntou ela.

— Nekhbet. — Carter fez cara feia. — A deusa abutre. Não gosto muito dela, mas acho que vamos ter que impedir que seja devorada. Como Setne precisa da Coroa do Reino Alto, deve ir para o sul fazer o próximo ritual. É uma coisa meio simbólica.

— O alto normalmente não é o norte? — perguntei.

Sadie deu um sorrisinho.

— Ah, isso seria fácil *demais*. No Egito, o alto é o sul, porque o Nilo corre do sul para o norte.

— Que ótimo — falei. — E esse sul seria onde? Brooklyn? Antártida?

— Acho que o Setne não vai assim tão longe. — Carter se levantou e observou o horizonte. — Nosso quartel-general fica no Brooklyn. E imagino que Manhattan seja tipo a central dos deuses gregos. Um tempão atrás, nosso tio Amós deu a entender isso.

— Ah, é — confirmei. — O Monte Olimpo fica acima do Empire State Building, então...

— O Monte Olimpo... — Sadie ficou me olhando — fica em cima do... É claro. Por que não? Acho que meu irmão quer dizer que, se Setne quisesse estabelecer um novo núcleo de poder unindo o grego e o egípcio...

— ...ele pensaria em algum lugar que ficasse entre o Brooklyn e Manhattan — completou Annabeth. — Como aqui mesmo, Governors Island.

— Exatamente — confirmou Carter. — Ele vai precisar conduzir o ritual da segunda coroa ao sul daqui, mas não precisa ser *muito* ao sul. Se eu fosse ele...

— Que bom que não é — comentei.

— ...ficaria aqui mesmo, em Governors Island. Estamos na ponta norte da ilha, então...

Olhei na direção sul.

— Alguém sabe o que tem na outra ponta?

— Eu nunca estive aqui — disse Annabeth. — Mas acho que tem uma área de piquenique.

— Que lindo. — Sadie ergueu o cajado. A ponta ardeu com um fogo branco. — Alguém a fim de fazer um piquenique na chuva?

— Setne é perigoso — disse Annabeth. — Não podemos simplesmente partir para cima dele. Precisamos de um plano.

— Ela tem razão — disse Carter.

— Eu até que gosto da ideia de partir para cima — falei. — Velocidade é fundamental, certo?

— *Obrigada* — murmurou Sadie, aliviada.

— Inteligência *também* é fundamental — disse Annabeth.

— Exatamente — disse Carter. — Temos que pensar como atacar.

Sadie revirou os olhos.

— Como eu temia — disse, se dirigindo a mim. — Esses dois juntos... vamos morrer antes que eles terminem de pensar.

Eu tinha o mesmo pressentimento, mas Annabeth estava ficando com aquela expressão tempestuosa de irritação, e, como ela é minha *namorada*, achei melhor tentar um acordo:

— Que tal planejarmos enquanto caminhamos para o sul? Podemos andar bem devagar.

— Fechado — disse Carter.

Saindo do antigo forte, seguimos pela rua, passando por elegantes prédios de tijolinho que deviam ter sido quartéis militares em outros tempos. Cruzamos campos de futebol encharcados. O temporal continuava, mas o guarda-chuva mágico de Sadie nos acompanhou, nos protegendo quase totalmente.

Annabeth e Carter compararam as anotações das pesquisas que tinham feito. Os dois falavam sobre Ptolomeu e sobre misturar as magias grega e egípcia.

Sadie não parecia interessada em estratégia. Com seu coturno, ia pulando de poça em poça, cantarolando baixinho, girando como uma criancinha e de vez em quando tirando coisas aleatórias da mochila:

pequenos animais de cera, um pedaço de barbante, um giz, um saco amarelo de balas.

Ela me lembrava alguém...

Então entendi. Fisicamente, ela era uma versão mais jovem de Annabeth, mas a inquietação e a agitação eram a cara de... bem, a minha cara. Se Annabeth e eu tivéssemos uma filha, provavelmente seria bem parecida com Sadie.

Opa.

Não que eu já tenha sonhado com filhos. Quer dizer, se você namora alguém por mais de um ano, a ideia começa a surgir em algum ponto da sua mente, certo? Ainda assim... eu acabei de fazer dezessete anos. Não estou pronto para pensar *tão* seriamente nessas coisas. Além do mais, sou um semideus. Passo o dia ocupado tentando me manter vivo.

No entanto, ao olhar para Sadie, consegui me imaginar tendo, um dia, uma garotinha que tivesse a cara de Annabeth e o meu jeito: uma linda semideusa que não parasse quieta, sempre pulando nas poças e esmagando monstros com camelos mágicos.

Eu devia estar encarando Sadie, porque ela me olhou de cara feia.

— Que foi?

— Nada — falei depressa.

Carter me cutucou.

— Você estava prestando atenção?

— Sim. Não. O quê?

Annabeth suspirou.

— Percy, explicar coisas para você é a mesma coisa que dar uma palestra para um porquinho-da-índia.

— Ei, Sabidinha, não começa.

— Deixa pra lá, Cabeça de Alga. Só estávamos dizendo que precisamos pensar em um ataque múltiplo.

— Ataque múltiplo... — Bati no bolso, mas Contracorrente não tinha reaparecido. Eu não queria admitir que isso me deixava bastante nervoso.

Claro, eu tenho outros recursos. Consigo fazer ondas (literalmente) e, de vez em quando, conjurar um belo furacão. Mas minha espada era uma

grande parte de mim. Sem Contracorrente, eu me sentia aleijado.

— Como vamos fazer isso? — Um brilho malicioso surgiu nos olhos de Carter, deixando-o mais parecido com a irmã. — Vamos fazer o feitiço se virar contra o feiticeiro. Setne está usando magia híbrida, unindo magia grega e egípcia, certo? Vamos fazer o mesmo.

Annabeth assentiu.

— Ataques ao estilo grego não vão funcionar. Você viu o que Setne fez com a sua espada. E Carter tem certeza de que feitiços egípcios comuns também não serão suficientes. Mas, se conseguirmos encontrar um jeito de unir nossos poderes...

— Você *sabe* fazer isso? — perguntei.

Os sapatos de Carter faziam barulho na lama.

— Bem... não exatamente.

— Ah, por favor — disse Sadie. — É *fácil*. Carter, dê sua varinha para o Percy.

— Por quê?

— Faça o que eu falei, irmãozinho querido. Annabeth, você se lembra de quando enfrentamos Serápis?

— Isso! — Os olhos de Annabeth se iluminaram. — Eu peguei a varinha da Sadie e a transformei em uma adaga de bronze celestial, como a minha antiga. E essa arma destruiu o cajado de Serápis. Talvez a gente consiga criar outra arma grega a partir de uma varinha egípcia. Boa ideia, Sadie.

— Viva. Sabe, eu não preciso passar horas fazendo planos e pesquisas para ser brilhante. Agora, Carter, por favor.

Assim que peguei a varinha, minha mão se contraiu como se eu estivesse segurando um cabo elétrico. Pontadas de dor subiram pelo meu braço. Tentei largar aquilo, mas não consegui. Meus olhos se encheram de lágrimas.

— A propósito — disse Sadie —, pode ser que doa um pouco.

— Obrigado por avisar. — Trinquei os dentes. — Mas foi um pouco tarde.

O bastão de marfim começou a fumar. Quando a fumaça se dispersou e a dor diminuiu, me peguei segurando, em vez da varinha, uma espada de bronze celestial que *definitivamente* não era Contracorrente.

— O que é isso? — perguntei. — É enorme.

Carter assobiou baixinho.

— Já vi algumas em museus. É uma *kopis*.

Ergui a espada. Como tantas que eu já tinha experimentado, eu sentia que não se encaixava nas minhas mãos. O cabo era pesado demais. A lâmina de um fio só tinha um estranho formato curvo, como um gancho gigantesco. Quando tentei dar um golpe no ar, quase perdi o equilíbrio.

— Esta não parece a sua — falei para Carter. — A sua não se chama *kopis*?

— A minha é um *khopesh* — corrigiu Carter. — A versão original egípcia. O que você está segurando é uma *kopis*, a versão grega, adaptada da original egípcia. É o tipo de espada que os guerreiros de Ptolomeu usariam.

Olhei para Sadie.

— Ele está tentando me confundir?

— Não — respondeu ela, animada. — Ele causa confusão sem nem tentar.

Carter bateu com a palma da mão na testa.

— Não é possível que você não tenha entendido. Como pode...? Deixa pra lá. Percy, a questão é: você consegue lutar com essa espada?

Golpeei o ar novamente.

— Parece que estou usando um cutelo, mas vai ter que servir. E vocês, o que vão usar como arma?

Annabeth esfregou as contas de argila do colar, como geralmente faz enquanto pensa. Ela estava linda. Mas não vamos perder o foco.

— Sadie, aqueles feitiços de hieróglifos que você usou na praia Rockaway... qual deles provocou a explosão? — perguntou ela.

— Chama-se... bem, na verdade não posso dizer a palavra sem fazer você explodir. Espere aí.

Sadie remexeu na mochila e pegou uma folha de papiro amarelado, um buril de escrita e um pote de tinta (acho que papel e caneta não seria muito

egípcio). Então se ajoelhou e, usando a mochila como apoio improvisado, escreveu em letras normais: *HA-DI*.

— É um bom feitiço — concordou Carter. — Podemos mostrar o hieróglifo correspondente, mas, se você não souber falar as palavras de poder...

— Não precisa — interrompeu-o Annabeth. — Isso significa *explodir*?

— Mais ou menos — respondeu Sadie.

— E dá para escrever o hieróglifo em um pergaminho sem deflagrar o *cabum*?

— Dá, sim. O pergaminho guarda a magia para depois. Se você ler a palavra no papiro... bem, é ainda melhor. Mais *cabum* com menos esforço.

— Ótimo — disse Annabeth. — Você tem outro pedaço de papiro?

— Annabeth, o que você vai fazer? — perguntei. — Se está pensando em se meter com palavras explosivas...

— Relaxa. Eu sei o que estou fazendo. Acho.

Ela se ajoelhou ao lado de Sadie, que lhe deu uma nova folha de papiro.

Annabeth pegou o buril e escreveu, em grego arcaico:

Κεραυνός

Como sou disléxico, tenho sorte quando consigo reconhecer palavras *na minha língua*, mas, sendo semideus, meu cérebro tem o grego arcaico meio que gravado a ferro.

— Ki-rau-nó — pronunciei. — *Explosão*?

Annabeth respondeu com um sorrisinho malicioso.

— É o termo mais próximo em que consegui pensar. Literalmente, quer dizer *atacar com raios*.

— Aah — fez Sadie. — Adoro atacar coisas com raios.

Carter estava olhando para o papiro.

— Você acha que podemos invocar a palavra do grego arcaico do mesmo jeito que fazemos com os hieróglifos?

— Podemos tentar — disse Annabeth. — Qual de vocês é melhor com esse tipo de magia?

— Sadie — respondeu Carter. — Sou mais um mago de combate.

— Modo galinha gigante — lembrei.

— Olha só, meu avatar é um *guerreiro com cabeça de falcão*.

— Ainda acho que você poderia conseguir patrocínio do KFC. Ganharia uma nota.

— Parem com isso, vocês dois. — Annabeth entregou o pergaminho a Sadie. — Carter, vamos trocar: eu experimento o seu *khopesh* e você experimenta o meu boné.

Ela jogou o boné para ele.

— Eu prefiro basquete, mas... — Carter colocou o boné e desapareceu. — Uau. Legal. Estou invisível, não estou?

Sadie aplaudiu.

— Você nunca ficou tão bonito, irmãozinho querido.

— Engraçadinha.

— Se você conseguir se aproximar do Setne sem ser visto — disse Annabeth —, pode pegá-lo de surpresa e tirar a coroa dele.

— Mas você disse que o Setne enxergou você mesmo sob o feitiço da invisibilidade — disse Carter.

— Isso foi *comigo*, uma grega usando um item mágico grego. Em você talvez funcione melhor. Ou ao menos de forma diferente.

— Vale a pena tentar, Carter. A única coisa melhor do que uma galinha gigante é uma galinha gigante invisível.

De repente, o chão começou a tremer.

Do outro lado dos campos de futebol, na direção do extremo sul da ilha, um brilho branco iluminou o horizonte.

— Isso não pode ser bom — disse Annabeth.

— Não — concordou Sadie. — Talvez seja melhor a gente partir para cima um pouco mais rápido.

* * *

Os abutres estavam fazendo a festa.

Depois de uma fileira de árvores, um campo enlameado se estendia até os limites da ilha. Na base de um pequeno farol havia algumas mesas de piquenique, como se estivessem ali embaixo para se abrigar. No porto, do outro lado do mar, a Estátua da Liberdade reluzia branca na tempestade, cercada por nuvens carregadas que se moviam como ondas na proa de um navio.

No meio da área de piquenique, seis enormes abutres pretos voavam em círculos na chuva, orbitando ao redor de nosso amiguinho Setne.

O mago estava de roupa nova. Tinha colocado um paletó xadrez vermelho — para combinar com a cor da coroa, eu acho. A calça de seda cintilava, com uma estampa vermelha e preta. Para completar, garantindo um visual bem extravagante, mocassins todos cobertos de strass.

Ele desfilava de um lado para outro com o *Livro de Tot*, cantarolando um feitiço, exatamente como o tínhamos visto fazer no forte.

— Ele está conjurando Nekhbet — murmurou Sadie. — Eu realmente *não* queria vê-la de novo.

— E que espécie de nome é esse? Neckbutt! — falei.

Sadie riu.

— Foi assim que *eu* a chamei na primeira vez que a vi. Mas ela *não* é muito legal. Possuiu minha avó, me perseguiu por Londres inteira...

— Então qual é o plano? — perguntou Carter. — Talvez um ataque pelos flancos?

— Ou podemos tentar distraí-lo... — disse Annabeth.

— Atacar! — exclamou Sadie, já partindo para a clareira, o cajado em uma das mãos e o pergaminho grego na outra.

Lancei um olhar sugestivo para Annabeth.

— Sua nova amiga é incrível.

E fui atrás de Sadie.

Meu plano era bem simples: avançar sobre Setne e matá-lo. Mesmo com aquela espada pesada, logo ultrapassei Sadie. Dois abutres mergulharam na minha direção, e cortei-os em pleno ar.

Eu estava a dois metros de Setne, imaginando a satisfação de parti-lo ao meio, quando ele se virou e me viu, e então sumiu. Minha espada golpeou o vazio.

Cambaleei, desequilibrado e zangado.

Três metros à minha esquerda, Sadie acertou um abutre com o cajado. A ave explodiu, virando pó branco. Annabeth correu na nossa direção, me olhando com aquela cara enfezada que dizia: *Se você morrer, eu te mato*. A posição de Carter, que estava invisível, era desconhecida.

Com um raio de fogo branco, Sadie explodiu outro abutre no céu. Os restantes se dispersaram na tempestade.

Sadie olhou em volta, à procura de Setne.

— *Cadê* aquele imbecil magrelo?

O imbecil magrelo apareceu bem atrás dela. Pronunciou uma única palavra de seu pergaminho de surpresas detestáveis, e o chão explodiu.

Quando recuperei os sentidos, ainda estava de pé, o que era um pequeno milagre. A força do feitiço tinha me empurrado para longe de Setne, de forma que meus sapatos produziram dois profundos vãos na lama.

Levantei o rosto, mas não consegui entender o que estava vendo. O solo ao redor de Setne tinha se aberto, formando um buraco circular de três metros de diâmetro. A terra que irrompera na erupção estava congelada no ar. Filetes de areia vermelha se enrolaram nas minhas pernas e roçaram no meu rosto ao serpentearem em todas as direções. Era como se tivessem parado o tempo enquanto alguém secava lama avermelhada em um secador de saladas gigantesco.

Sadie estava caída no chão à minha esquerda, as pernas sob um cobertor de lama. Ela tentou, mas não conseguiu se soltar. O cajado estava fora de seu alcance. O pergaminho em sua mão tinha virado um trapo lamacento.

Dei um passo na direção dela, mas os filetes de areia me impediram de continuar.

Em algum lugar atrás de mim, Annabeth gritou meu nome. Eu me virei e a vi mais distante da zona de explosão. Estava tentando atacar, mas os filetes de terra a alcançaram e bloquearam seu caminho, se sacudindo como tentáculos de polvo.

Não se via Carter em lugar algum. Só me restava torcer para que não estivesse preso naquela teia idiota de terra flutuante.

— Setne! — gritei.

O mago limpou a terra das lapelas do paletó.

— Você *realmente* devia parar de me interromper, semideus. Sabe, originalmente a coroa *desbret* foi um presente dado pelo deus da terra, Geb, aos faraós. Por isso ela se defende com uma magia da terra que é sensacional!

Trinquei os dentes. Annabeth e eu tínhamos acabado de sair de uma batalha com Gaia, a Mãe Terra. Mais magia da terra era a *última* coisa de que eu precisava.

Sadie continuava tentando soltar as pernas da lama.

— Limpe toda essa lama agora mesmo, rapazinho — disse ela. — Depois nos dê essa coroa e vá para o seu quarto.

Os olhos do mago brilharam.

— Ah, Sadie... Sempre adorável. Cadê seu irmão? Eu o explodi sem querer? Você pode me agradecer depois, porque agora eu preciso continuar aqui as minhas coisas.

Ele nos deu as costas e voltou à leitura cantarolada.

O vento ficou mais forte. A chuva ao redor dele chicoteava o ar. Os filetes de areia flutuantes entraram em movimento como fumaça.

Consegui dar um passo à frente, mas era como tentar andar mergulhado em cimento molhado. Annabeth não estava tendo muito mais sorte que eu, e Sadie conseguiu soltar uma das pernas, mas ficou sem o coturno. Ela xingou mais do que meu amigo cavalo imortal Arion (o que não é pouca coisa).

O feitiço esquisito de Setne sobre a terra estava enfraquecendo, mas não rápido o bastante. Eu só tinha conseguido dar mais dois passos quando Setne terminou a declamação.

Uma nuvem de escuridão se ergueu na frente dele, assumindo a forma de uma mulher majestosa. Ela usava um vestido preto com rubis incrustados na gola, e a parte de cima de seus braços era adornada por aros dourados. Seu rosto tinha uma qualidade imperiosa e atemporal que aprendi a

reconhecer. Significava: *Sou uma deusa; lide com isso*. Pousada em seu cabelo preto trançado havia uma coroa cônica branca, e não consegui deixar de me perguntar por que um ser imortal poderoso escolheria um adereço de cabeça no formato de um pino de boliche.

— Você! — rosou ela para Setne.

— Eu! — confirmou ele. — É maravilhoso vê-la de novo, Nekhbet. Uma pena não termos tempo para bater um papo, mas é que não dá para deixar esses mortais presos para sempre. Vamos ter que ser rápidos. O *hedjet*, por favor.

A deusa abutre abriu os braços, que se tornaram enormes asas pretas. O ar ao redor dela ficou escuro como fumaça.

— Eu não me rendo a novatos arrogantes como você. Sou a protetora da coroa, o escudo do faraó, o...

— Sim, sim — disse Setne. — Mas você já se rendeu várias vezes a novatos arrogantes. A história do Egito é basicamente uma lista dos novatos arrogantes aos quais você se rendeu. Então pode passar a coroa.

Eu não sabia que abutres sibilavam, mas Nekhbet fez exatamente isso. De sob as asas dela começou a sair fumaça.

Por toda a clareira, a magia de Setne se desfez. Os filetes de areia vermelha caíram no chão com um ressonante *ploft*, e de repente consegui me mexer de novo. Sadie se levantou, cambaleante. Annabeth foi correndo até mim.

Setne não parecia preocupado conosco.

Ele fez uma reverência debochada a Nekhbet.

— Impressionante. Mas veja isto!

Dessa vez ele não precisou ler no pergaminho ao gritar uma combinação de grego e egípcio. Reconheci as palavras do feitiço que ele lançara lá no forte.

Annabeth e eu nos olhamos prolongadamente. Percebi que estávamos pensando a mesma coisa: não podíamos deixar que Setne consumisse a deusa.

Sadie ergueu o papiro lamacento.

— Annabeth e Percy: tirem Nekhbet daqui. VÃO!

Não havia tempo para discutir. Nós dois pulamos na deusa como jogadores de futebol americano e a empurrámos campo afora, para longe de Setne.

Atrás de nós, Sadie gritou:

— *Ke-rau-nob!*

Não vi a explosão, mas deve ter sido impressionante.

Annabeth e eu fomos lançados para a frente e caímos em cima de Nekhbet, que soltou um gritinho indignado. (A propósito, não recomendo usar penas de abutre como enchimento de travesseiro. Não são muito confortáveis.)

Consegui me levantar. O local onde víramos Setne por último tinha virado uma cratera fumegante.

O cabelo de Sadie estava chamuscado nas pontas, os olhos arregalados de surpresa. O pergaminho sumira.

— Foi demais! Eu acertei o maldito?

— Não! — respondeu Setne, reaparecendo a alguns poucos metros de nós, um pouco cambaleante e com as roupas fumegantes, mas parecendo mais atordoado do que atingido.

Ele se ajoelhou e pegou uma coisa cônica e branca... a coroa de Nekhbet, que devia ter caído quando nos lançamos sobre a deusa.

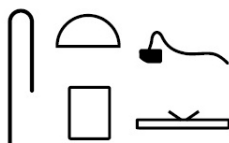
— Obrigado por isto — disse Setne, abrindo os braços em triunfo, a coroa branca em uma das mãos e o *Livro de Tot* na outra. — Onde é que eu estava mesmo? Ah, sim! Consumindo vocês todos!

Do outro lado do campo, ouvi a voz de Carter:

— STAHP!

Acho que *stahp* é uma palavra em egípcio arcaico. Como íamos saber?

Um hieróglifo azul cortou o ar, decepando a mão direita de Setne na altura do pulso.



O mago berrou de dor e o *Livro de Tot* caiu na grama.

A uns seis metros de mim, Carter apareceu do nada, segurando o boné de Annabeth. Não estava no modo galinha gigante, mas, tendo salvado nossas vidas, não seria eu a reclamar.

Setne olhou para o *Livro de Tot*, ainda na mão cortada, mas avancei de um pulo e encostei a ponta da espada embaixo do nariz dele.

— Nem pense nisso.

O mago rosnou.

— Pegue o livro, então! Não preciso mais dele!

E sumiu em um redemoinho de escuridão.

Caída no chão ao meu lado, a deusa abutre se debateu e empurrou Annabeth para o lado.

— Saia de cima de mim!

— Minha senhora — disse Annabeth, se levantando —, eu estava tentando impedir que você fosse devorada. Não tem de quê, viu?

A deusa abutre ficou de pé.

Sem a coroa, ela não causava tanta impressão. Seu penteado tinha virado uma salada de lama e grama; seu vestido preto, uma capa de penas. Ela parecia murcha e encolhida, o pescoço projetado como... bem, como o de um abutre. Só faltava o cartaz pedindo UMA AJUDA POR CARIDADE. Eu teria dado uns trocados na mesma hora.

— Crianças desprezíveis — resmungou ela. — Eu poderia ter destruído aquele mago!

— Não exatamente — retruquei. — Alguns minutos atrás, vimos Setne consumir uma deusa naja. E ela tinha muito mais presença que você.

Nekhbet apertou os olhos.

— Era a Wadjet? Ele absorveu a *Wadjet*? Me contem tudo.

Carter e Sadie se aproximaram enquanto contávamos à deusa o que tinha acontecido até ali.

Quando terminamos, Nekhbet gritou de fúria.

— Isso é inaceitável! Wadjet e eu éramos os símbolos da união no Egito Antigo. Éramos reverenciadas como as Duas Senhoras! Aquele novato arrogante do Setne roubou minha outra Senhora!

— Bom, ele não pegou você — ponderou Sadie. — Imagino que seja uma coisa boa.

Nekhbet arreganhou os dentes, que eram pontudos e vermelhos como uma fileira de biquinhos de abutre.

— Vocês... os *Kane*. Eu devia ter imaginado que estariam envolvidos nisso. Sempre se metendo nos assuntos dos deuses.

— Ah, então agora é culpa *nossa*? — Sadie ergueu o cajado. — Escuta aqui, bafo de abutre...

— Vamos manter o foco — interveio Carter. — Pelo menos pegamos o *Livro de Tot*. E impedimos que Setne devorasse Nekhbet. Qual será o próximo passo de Setne e como podemos impedi-lo?

— Ele está com as duas partes do *pschent*! — disse a deusa abutre. — Sem minha essência, a coroa branca não tem tanto poder, é verdade, mas ainda serve para os propósitos de Setne. Ele só precisa completar a cerimônia de endeusamento usando a coroa de Ptolomeu, e aí vai virar um deus. Eu *odeio* quando mortais viram deuses! Sempre querendo tronos, sempre construindo palácios cafonas e espalhafatosos. Não respeitam as regras do lounge dos deuses.

— Lounge dos deuses? — perguntei.

— Temos que impedi-lo! — gritou Nekhbet.

Sadie, Carter, Annabeth e eu nos entreolhamos, inquietos. Normalmente, quando um deus diz *temos que impedi-lo*, quer dizer *vocês têm que impedi-lo enquanto eu espero aqui, tomando uma bebida gelada*. Se bem que Nekhbet parecia realmente disposta a tomar parte na ação.

Não que isso tenha me deixado menos nervoso. Sempre evito me associar com deusas que comem carcaças de animais. É um dos meus princípios.

Carter se ajoelhou junto à mão decepada de Setne e pegou o *Livro de Tot*.

— Podemos usar o pergaminho? Isso aqui tem magia poderosa.

— Se fosse assim, por que Setne o deixaria para trás? — questionou Annabeth. — Achei que fosse essencial para ele conquistar a imortalidade.

— Ele disse que já tinha acabado de usar — lembrei. — Acho que passou na prova e jogou fora as anotações.

Annabeth fez uma cara horrorizada.

— Ficou maluco? Você joga fora as anotações depois de uma prova?

— Não é o que todo mundo faz, srta. Gênia?

— Pessoal! — interrompeu Sadie. — É uma fofura ver vocês dois brigando, mas temos coisas a fazer. — Ela se virou para Nekhbet. — Agora, Vossa Alteza da Carneça, diga se há alguma forma de determos Setne.

Nekhbet encolheu as unhas dos pés em formas de garras.

— Talvez. Ele ainda não é um deus completo. Mas, sem minha coroa, meus poderes ficam muito diminuídos.

— E o *Livro de Tot*? — perguntou Sadie. — Pode não ter mais uso para Setne, mas nos ajudou a derrotar Apófis.

Ao ouvir o nome, Nekhbet ficou pálida. Três penas caíram do vestido dela.

— Por favor, não me lembrem dessa batalha. Mas você tem razão. O *Livro de Tot* contém um feitiço para aprisionar deuses. Seria preciso muita concentração e preparação...

Carter tossiu.

— Acho que o Setne não ficaria esperando quietinho enquanto a gente se prepara.

— Não — concordou Nekhbet. — Seria preciso pelo menos três de vocês para montar uma boa armadilha. Desenhar um círculo, encantar uma corda, consagrar a terra... E as outras partes do feitiço teriam que ser improvisadas. Odeio magia ptolomaica e acho uma abominação misturar poderes gregos e egípcios, mas...

— Funciona — completou Annabeth. — Carter conseguiu se manter invisível com o meu boné. E o pergaminho de explosão de Sadie deixou Setne atordoado, pelo menos.

— Vamos precisar de mais do que isso — disse Sadie.

— Sim... — A deusa abutre me encarou como se eu fosse um delicioso gambá atropelado na beira da estrada. — Um de vocês vai ter que lutar com

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Coroa de Ptolomeu"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).